

Núcleo de Catequese Paulinas – Nucap

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

PERSEVERANÇA

Livro da Família



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Iniciação à vida cristã : Perseverança : livro da família / Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. -- 4. ed. -- São Paulo : Paulinas, 2019. -- (Coleção água e espírito)

ISBN 978-85-356-4511-8

1. Catequese - Igreja Católica - Ensino bíblico 2. Catequistas - Educação 3. Fé 4. Projeto Jovem 5. Vida cristã I. Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. II. Título. III. Série.

19-24951

CDD-268.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Catequistas : Formação bíblica : Educação religiosa : Cristianismo 268.3

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

4ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e Antonio Francisco Lelo*

Copidesque: *Anoar Jarbas Provenzi*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ruth Mitsuie Kluska*

Direção de arte: *Irma Cipriani*

Assistente de arte: *Sandra Braga*

Gerente de produção: *Felício Calegario Neto*

Capa e editoração eletrônica: *Manuel Rebelato Miramontes*

Ilustração de capa: *Gustavo Montebello*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2010

Iniciação à vida cristã

Perseverança

Este projeto tem o objetivo de propor o encontro com Jesus Cristo vivo e seu seguimento na Igreja, para que o jovem se sinta estimulado a analisar sua vida, a avaliar seus limites e a interiorizar as várias dimensões da personalidade cristã. Compõe-se dos seguintes subsídios:

- *Livro do Catequista*: traz a reflexão dos vinte e seis encontros com indicações pedagógicas para seu desenvolvimento, além de uma introdução que apresenta a proposta geral desta etapa de fé, o roteiro das duas celebrações (penitência e renovação das promessas batismais) e o apêndice com o oracional.
- *Livro do Catequizando*: traz a reflexão dos vinte e seis encontros, o roteiro das duas celebrações (penitência e renovação das promessas batismais) e o apêndice com o oracional.
- *Livro da Família*: apresenta os cinco encontros dos responsáveis com os catequistas, como também as celebrações da penitência e da renovação das promessas batismais, que deverão ser celebradas com os adolescentes e os catequistas. Os temas desses encontros correspondem àqueles refletidos no grupo de perseverança.

Apresentação

O futuro da humanidade passa pela família. O modo de organização entre seus membros se modifica com os tempos e as sociedades, mas a importância e a profundidade das relações familiares permanecem. Garantir laços e assegurar vínculos numa casa em que as pessoas se amam, se respeitam e dialogam é o grande desafio atual. Nosso tempo para a família ficou muito curto, pois tudo passa com rapidez e pressa, e estamos sempre correndo atrás do prejuízo de não termos nos conhecido suficientemente.

Na bela fase da pré-adolescência, queremos animar os pais e responsáveis a estreitarem a convivência com seus filhos, aprofundando temas geradores de valores, convicções pessoais, fé e conhecimento de Jesus Cristo.

O testemunho de vivência cristã dos adultos é a pedra de toque para o adolescente se inspirar em pessoas e situações concretas a fim de assimilar valores e se educar na fé. Pedimos aos(as) senhores(as) que acompanhem suas descobertas de fé, se interessem por seus questionamentos e possíveis crises.

A paróquia é a extensão da casa. É a mãe que acolhe, primeiramente para o Batismo e depois para alimentar a fé. A paróquia depende dos adultos. A parceria entre paróquia e família pressupõe cooperação, no sentido de pensar, aprender, decidir juntos, trocar ideias, sentir-se parte de um grupo com valores comuns. O acompanhamento do grupo de Perseverança e a presença dos pais nas reuniões tornam-se ocasião de diálogo, de acolhida, de troca de pontos de vista e principalmente é o tempo propício da graça da conversão de toda a família para viver mais o Evangelho de Cristo.

Por isso, propomos este roteiro que acompanha os temas refletidos pelos adolescentes, com a finalidade de suscitar o debate e o interesse pelo crescimento da fé de toda a família.

1º encontro: Viver a fé — num país de muitas crenças, problematiza os vários modos de conceber a fé em Cristo e insiste na educação da fé para que seja sempre mais de acordo com o Evangelho.

2º encontro: O Domingo — promover a valorização do Domingo como lugar de encontro da família com o Ressuscitado na comunidade de fé.

3º encontro: Celebração da Penitência — pais ou responsáveis, catequistas e perseverantes dobram os joelhos e se reconhecem pecadores e necessitados da graça da conversão para serem mais perfeitos no amor.

4º encontro: Namoro e sexualidade — partilhar as várias concepções e atitudes em torno do tema e confrontá-las com o Evangelho.

5º encontro: Família, lugar de diálogo e crescimento — partilhar dificuldades e soluções na convivência e desenvolvimento dos adolescentes.

6º encontro: Pertencer à comunidade — promover o debate e a conscientização dos pais e responsáveis na vida e na pastoral da comunidade.

7º encontro: Renovação das promessas batismais — celebração conclusiva desta etapa de fé que envolve o compromisso de toda a família para que seja mais comprometida com o projeto de Deus assumido no dia do Batismo.

Os pais e responsáveis estejam seguros, nada se iguala à beleza e à verdade que o Evangelho introduz no coração. Esse é o remédio para a soberba, para o consumismo vazio e para a ganância destruidora. Uma família que se debruça sobre o Evangelho e abre o coração a seus ensinamentos é como a casa construída sobre a rocha: podem vir os ventos mais tempestuosos que ela resistirá.

Viver a fé

ORAÇÃO

Todos: Vinde, Espírito Santo, enchei o coração dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da terra.

Senhor nosso Deus, que pela luz do Espírito Santo instruístes o coração dos vossos fiéis, fazei que apreciemos todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.

Proclamar: Jo 20,24-29 — Bem-aventurados os que não viram, e creram!

Comentarista: *Senhor Jesus, luz verdadeira, que iluminais toda a humanidade, libertai, pelo Espírito da verdade, os que se encontram oprimidos pelo pai da mentira, e despertai a boa vontade dos que chamastes ao vosso discipulado, para que, na alegria da vossa luz, tornem-se, como Tomé, vosso apóstolo outrora iluminado, audazes testemunhas da fé. Vós que viveis e reinais para sempre.*

PARTILHA

A fé sincera e genuína dos primeiros cristãos contrasta com a fé atrapalhada do apóstolo Tomé, o qual não confia a não ser no restrito horizonte dos seus sentidos. Ele irá acreditar somente

se tiver tocado o alvo da fé com suas próprias mãos, e se o tiver visto com seus próprios olhos. Ele não acredita no testemunho dos companheiros, que afirmavam ter experimentado a presença do Cristo Ressuscitado.

Então, o próprio Jesus aparece de novo e exige de Tomé que o reconheça não só como Mestre e Messias, mas que o relutante apóstolo chegue à profissão da fé plena, no Filho de Deus, enviado pelo Pai para salvar a humanidade. E eis que o encontro com o Ressuscitado conduz o discípulo hesitante à esfera suprema da fé.

Tomé proclama humildemente: “Meu Senhor (o Deus Altíssimo, criador e regedor do universo, na linguagem bíblica) e meu Deus!”. Jesus de bom grado aceita a profissão da atormentada fé de Tomé; entretanto ele apresenta e exalta uma outra fé, à qual está destinada uma bem-aventurança: “Creste porque me viste? Bem-aventurados os que não viram, e creram!” (v. 29). Trata-se, pois, da fé daqueles que acreditam de uma maneira total, pura, livre, sem o condicionamento exclusivo do “ver” e do “tocar”.

Desta fé firme, experimentada no seio da primeira comunidade, deram um grande exemplo os cristãos, doutrinados por São Pedro: “Sem terdes visto o Senhor, vós o amais. Sem que agora o estejais vendo, credes nele. Isto será para vós fonte de alegria inefável e gloriosa” (1Pd 1,8).

REFLEXÃO

Inicialmente, formar pequenos grupos e suscitar questões em torno da fé. Podem-se propor essas ou outras perguntas: O que é ter fé? A nossa fé precisa ser educada e amadurecer? A nossa fé pode ser manipulada por pessoas interesseiras? Para ter fé numa Igreja, basta apenas se sentir bem nela ou receber muitas graças? Como a nossa fé pode crescer e se alimentar? Qual a importância da fé na educação do adolescente?

Ter fé é algo encantador. Acreditamos em muitas coisas, em muitos princípios. Os poetas dizem que é preciso ter fé na vida, fé no amor: “Andá com fé eu vou, que a fé não costuma faiá”...

Ter fé em Jesus Cristo nos leva a conhecer sua pessoa e a experimentar seu amor. Corremos o risco de inventar um Cristo segundo o nosso gosto para satisfazer às nossas vontades. Pior ainda, se entendermos que ter fé significa negociar com Deus para levarmos vantagens nesta vida. O Senhor não nos garante dinheiro e sucesso nos negócios, mas nos oferece bem mais que isso.

Às vezes nossa atitude de fé é interesseira e buscamos o Senhor para batizar, fazer a Primeira Comunhão, casar e para as missas de sétimo dia, ou então quando um sofrimento atroz e inesperado bate à nossa porta. Muitas vezes, também, nos contentamos com uma fé implícita e respeitosa, que nunca se manifesta e, por isso, não cresce e nem testemunha o amor que o Senhor dispensa a cada um.

Ter fé é uma atitude interior que nos faz buscar o Senhor, ser sensíveis aos sinais dele nos acontecimentos diários. A fé, cultivada na oração e na escuta da Palavra, nos predispõe para ver as coisas de um modo diferente! Sobretudo, passamos a viver unidos com Jesus Cristo, que nos dá uma grande alegria e uma enorme força para lutar buscando sempre o essencial em nossa vida. A Palavra viva, Jesus Cristo, gera sentido de vida, otimismo e esperança, porque nos ama, nos revela o amor do Pai e é realização desse amor ao entregar sua vida por nós. Por isso, a vida de fé nos revigora interiormente.

Compreendemos que ter fé significa entrar na órbita da revelação do projeto de Deus, levado a efeito por seu Filho Jesus Cristo. Antes de tudo, acolhemos o amor ou a graça que nos envolve, pois a nossa conversão é precedida pelo desejo de Deus de nos salvar das armadilhas dos gananciosos do mundo. Sentir-se filho de Deus, tocado por sua graça, é o sentimento mais terno e convincente que podemos ter. Tantas coisas neste mundo nos decepcionam, menos a convicção inabalável do amor do Senhor por nós.

Assim como na *parábola do pai misericordioso* (Lc 15,11-32), o filho mais novo, depois de levar uma vida desregrada e vazia, que o pôs a perder a herança e o levou à desgraça, agora cai em si, reconhece seu erro e quer voltar para seu pai: “Quando

ainda estava longe, seu pai o avistou e foi tomado de compaixão. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e o cobriu de beijos” (v. 20). A dinâmica da fé supõe a conversão, a predisposição de reconhecer o mal cometido e dar-nos conta de que não somos tudo aquilo que imaginamos ser. Estejamos sempre prontos para assumir essa atitude fundamental em nossa vida: somos esse filho que “mete os pés pelas mãos”, se acha tão poderoso e cheio de jovialidade, mas se encontra no fundo do poço, a ponto de, como na parábola, nem poder comer o que davam aos porcos.

No entanto, o nosso pecado, marcado pela nossa falsa autossuficiência, se depara com o amor misericordioso e cheio de compaixão do pai que não somente acolhe o rapaz, mas o recebe novamente na condição de filho: “Trazei depressa a melhor túnica para vestir meu filho. Colocai-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei um novilho gordo e matai-o, para comermos e festejarmos” (vv. 22-23).

A nossa fé é a legítima expressão desse movimento interior de reconhecimento das nossas limitações, de nossa pequenez e ambiguidade, para nos jogarmos confiantemente nos braços do Pai. Não basta reconhecer nosso pecado e o amor do Pai, a fé precisa se alimentar para continuar crescendo até produzir frutos.

A fé é seguimento de um caminho estreito proposto pelo Senhor que nos conduz ao essencial: ao seu amor. Nesse percurso, a *Parábola da semente* (Mt 13,1-23) nos ajuda a entender o essencial da vida de Deus em nós. Precisamos ser a terra boa, macia e pronta para receber a semente da Palavra, o que mostra a necessidade da permanente atitude de escuta da Palavra e adesão à vontade do Senhor. O amor do Senhor em nós cria uma estreita relação de amizade e correspondência de ambas as partes.

Jesus nos ensina que o seu seguidor necessita desenvolver algumas atitudes básicas: *O que caiu em terra boa são aqueles que, ouvindo com um coração bom e generoso, conservam a Palavra e dão fruto pela perseverança* (Lc 8,15). Assim, três palavras-chave resumem a condição de ser discípulo de Jesus: *ouvir, guardar, frutificar*. Esse amor cresce e toma forma à medida que ouvimos a Palavra e a colocamos em prática. Por isso, aquele que segue o

Senhor faz brotar a semente e produz fruto, oitenta... cem por um, segundo a medida de sua adesão e confiança no Senhor.

Lucas vai pintar os traços da figura de Maria. Mostra que ela tem exatamente as qualidades que caracterizam o seguidor de Jesus. Maria ouve a palavra de Deus com fé, guarda no coração e a põe em prática.¹

Somos discípulos para seguir o Senhor, colocando-nos à disposição do seu plano e não o obrigando a se curvar às nossas necessidades imediatas. Por isso, a sabedoria da parábola alerta para que a Palavra, tal como a semente, não caia à beira do caminho, de qualquer maneira, sem chegar a lugar nenhum, de forma que os pássaros a comam, ou brote entre as pedras e espinheiros: *Vem o Maligno e rouba o que foi semeado em seu coração* (v. 19); *ouve a Palavra e logo a recebe com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, é de momento: quando chega tribulação ou perseguição por causa da Palavra, ele desiste logo* (vv. 20-21); *ou as preocupações do mundo e a ilusão das riquezas sufocam a Palavra, e ele fica sem fruto* (v. 22).

Aquele(a) que experimentou o amor misericordioso do Senhor, deu-se conta de sua fragilidade e acolheu a sua Palavra como inspiração e sentido de viver neste mundo é capaz de resplandecer a glória de Deus em seu ser. A passagem da *Transfiguração de Jesus* (Mt 17,1-9) diante de Pedro, Tiago e João concretiza a condição de vida nova que o discípulo usufrui, pois o Espírito de Deus resplandece naquele que estabelece essa nova relação com o Senhor.

A beleza de viver no Espírito faz o discípulo se parecer com o Senhor: *Seu rosto brilhou como o sol e suas roupas ficaram brancas como a luz* (v. 2). A Transfiguração revela a condição divina de Jesus de Nazaré, o filho de Maria. Os discípulos devem ver em Jesus a nova condição humana glorificada pela encarnação do Filho de Deus.

No Evangelho, Jesus sobe o monte Tabor e se transfigura quando estava próxima a sua morte. Fez isso para que os apóstolos

¹ Cf. MURAD, Afonso. *Maria, toda de Deus e tão humana*. São Paulo, Paulinas/Siquem, 2004. pp. 33-34. (Livros básicos de teologia, n. 8.2.)

não se escandalizassem diante do horror da cruz. A Transfiguração é o prenúncio da ressurreição, como coroação dos sofrimentos de Jesus em sua paixão. A cruz, a doação de vida e as dificuldades não farão o discípulo afastar-se de sua missão, pois todo aquele que faz a vontade de Deus imita Jesus. Por isso o Pai diz: *Este é o meu Filho amado, nele está meu pleno agrado: escutai-o* (v. 5).

Vamos ter sempre presente que o mistério da fé em Cristo comporta os dois lados da moeda: a cruz e a ressurreição. A confiança em Deus nos leva a suportar a cruz de cada dia com tudo aquilo que ela significa de dor e de limitações, porque a cruz não é o fim de nosso caminho de fé, mas sim o meio para alcançarmos o objetivo: a ressurreição.

Viver o matrimônio com fé

Estando prestes a completar trinta e um anos de matrimônio, queremos enfatizar que comemoramos o nosso sacramento do Matrimônio. Não pode ser simplesmente confundido com “casamento”, pois se somente tivéssemos casado — termo, aliás, que se generalizou nos últimos anos para identificar todo e qualquer tipo de união legal — certamente não teríamos tido forças para vencer as dificuldades de uma vida a dois, e depois a três, e depois a quatro, porque tivemos dois lindos filhos.

Acreditamos que somos um casal que sempre lutou para compartilhar nossas alegrias juntos. Trabalhamos e estudamos juntos, ou seja, vivemos um para e com o outro as vinte e quatro horas do dia, tornando-se difícil imaginar a vida de um sem o outro, e o interessante em tudo isso é que não nos enjoamos... Se disséssemos que em todo o tempo vivemos — como se diz popularmente — em um “mar de rosas”, todo o nosso testemunho perderia a sua credibilidade, pois é humanamente impossível compartilhar uma vida sem nenhum problema.

É bem verdade que ao longo de todos esses anos tivemos problemas sérios em todos os campos da vida, mas é certo também que conseguimos superar nossas dificuldades com a presença de Deus. Quando estávamos perdendo as forças, nossas baterias eram recarregadas pelo alimento da nossa fé.

O mais importante em qualquer relacionamento, agraciado pelas bênçãos de Deus, é o compromisso de que um, jamais — e enfatizamos “jamais” — deve desistir do outro. Aquele que por vezes desvia-se do caminho ou que cai jamais pode ser abandonado ou tido como perdido, mas deve ser elevado, recuperado, com muito amor, pois o amor é o sentimento magnífico que Deus como Pai nos ensina gratuitamente porque somos seus filhos.

É interessante lembrar que para o nosso convite de casamento escolhemos uma frase que ainda está muito viva em nossas mentes — “Amar não é olhar um para o outro, é olhar juntos na mesma direção” (Antoine de Saint Exupéry). Se tivéssemos ficado todos esses anos olhando um para o outro, não teríamos trilhado o nosso caminho, não teríamos construído uma família, não estaríamos hoje escrevendo este testemunho.

Quando as pessoas ficam admiradas pelo tempo da nossa união e nos perguntam: todo esse tempo com a mesma pessoa? Somos categóricos em afirmar que não, que não estamos casados com a mesma pessoa que conhecemos há trinta e um anos, porque tanto um quanto o outro foi ao longo desses anos se aprimorando, crescendo, evoluindo, engordando, emagrecendo, ficando loira, morena, grisalho, careca, usando barba ou não, sendo caridoso, estudioso, ficando chato ou não, ficando doente ou plenamente sadio, tendo dúvidas e incertezas, muita confiança, erros e acertos, mas sempre se consolidando cada vez mais na fé. Seria extremamente entediante se tivéssemos vivido até hoje da forma como éramos há trinta e um anos, e pedimos a Deus para continuar assim, evoluindo, nos aperfeiçoando, sentindo cada vez mais humanos, porque “ser” humano é viver o presente de maneira intensa, extraíndo tudo deste “presente” que nosso Pai nos oferece, que é a própria vida.

Há muito tempo assumimos o “nós”, *porque afinal já não somos dois, mas uma só carne*, enfim, *o que Deus uniu o homem não separe* (Mc 10,8-9), mas o interessante em tudo isso é que esse “nós” acaba não ficando restrito somente a nós dois, pois esse “nós” resulta num sentido de doação que se estende para a nossa família e avança para a comunidade, quando nos doamos para aqueles que mais precisam de “nós”!

Uma vida sem Deus não é vida, é morte, e, conscientes da mensagem viva e dos ensinamentos de Jesus, temos como meta segui-lo, com todas as nossas dificuldades, pois do contrário não poderíamos nos considerar cristãos e viver a sua Igreja, estar inseridos neste corpo maravilhoso. Se Jesus é a cabeça, nós, a sua Igreja, somos os seus membros.

Somos filhos, pai, mãe, advogados e futuros teólogos, e com certeza a nossa vida não acabará aqui, porque a nossa força vem do alimento mais precioso... que é o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo presente na Eucaristia.

Que a paz de Cristo esteja presente em “nossas” vidas!

Regina e Ariovaldo

HOMENAGEM AOS PAIS, MÃES E RESPONSÁVEIS

1. Sempre é tempo de agradecer. Hoje, saudamos nossos pais e responsáveis e os homenageamos com nosso carinho e nossa gratidão.
2. Deus fez o céu e a terra. Nossos pais também são colaboradores do Criador. Um dia, depois de muito pensar ou meio de surpresa (que susto! quase não acreditavam!), se deram conta de que continuavam a obra da criação.
3. A força da vida passou pelo coração e pelos sentimentos do meu e de todos os pais e mães. Foi maior do que eles. É um mistério divino nunca desvendado, mas eles chegaram perto desse segredo.
4. Obrigado a todos eles! Enxergamos a luz do dia, iniciamos a aventura de estar aqui e continuamos todos os dias a caminhar, a construir uma história, porque vocês nos trouxeram à vida.
5. Que pena! Muitos pais se esqueceram disto, e nem se deram conta. Há crianças na rua. Filhos registrados somente

com o nome da mãe. Que tristeza! Rezemos pelos pais e mães ausentes.

6. Queremos abraçar bem forte aqueles pais e mães que não o são fisicamente, mas de coração são grandes pais e mães. Não geraram, mas criaram, assistiram e educaram crianças e jovens como seus filhos. Esses são mais valentes.
7. Nunca é pouco recordar os pais e as mães que estão junto com o nosso Grande Pai. A saudade ficou em nossos corações e nos acompanha até agora; mas é maior a certeza de que logo nos sentaremos à mesma mesa e sentiremos de novo a firmeza do amor que sempre os acompanhou.
8. Hoje! Sim! Hoje, e não amanhã, queremos ser mais atentos e reconhecer a cada dia o quanto é bom ser filho e conviver com vocês.
9. Depois que o tempo cansar de passar, vou me sentar no canto da cama de vocês e recordar muitas histórias bonitas do nosso tempo, ou melhor, do tempo de agora em que são fortes e nossos amigos. E mais: quando ficarem doentes, podem acreditar, sempre estaremos com vocês, assim como vocês ficam conosco quando estamos gripados e com febre.
10. Deus também quis ser pai, por isso Jesus o chamava de Abbá, paizinho. E Jesus nos deu a sua Mãe como nossa Mãe.